

A marca de Cesareia Marítima na história do Novo Testamento e na missão paulina

A cidade de Cesareia junto ao mar mediterrâneo tornou-se uma cidade importante nos tempos inter-testamentários e do N.T, tal como o demonstram as mais recentes escavações arqueológicas¹ e como o testemunha o livro dos Actos dos Apóstolos. A sua litoralidade fez dela um lugar privilegiado e cobiçado pelos governantes e ocupantes da Palestina, da província da Judeia do séc.I². Mas porque é que este porto é tão interessante para a tentativa de reconstrução do puzzle da história do N. T.? Que fazia de Cesareia, dita Marítima (em distinção face à de Filipe de Mc 8, 27), um porto tão particular? Era apenas o facto de ser o porto maior do Mediterrâneo oriental³? O que a diferenciava? E, sobretudo, qual o seu interesse para a história do N. T. e o seu lugar no conjunto das viagens de Paulo e da missão evangelizadora da Igreja nascente? Por que motivo Pedro e Paulo passaram por Cesareia? Que trouxe de novo? Que modificou? Por-

¹Cf. NEGEV, A. - Caesarea Maritima. In *EAEHLI* (270-285); VANN, R. Lindley (ed.) - Caesarea Papers: Straton's Tower, Herod's Harbour, and roman and byzantine Caesarea. *Journal of Roman Archaeology*, Supplement Series 5, Michigan, Ann Arbor 1992; HOHLFELDER, Robert L. - *Caesarea*. In *ABDictionary I*. New York; Toronto: Doubleday, 1992, p. 798-803.

²Para uma rápida perspectiva arqueológica e visual da zona cf., Sebastos Herod's Harbor at Caesarea Maritima. *Biblical Archaeologist* 46 (1983) p. 133-144; como manual de referência sobre o período intertestamentário cf. SCHÜRER, Emil - *Historia del Pueblo Judío en tiempos de Jesus 175 a.c. - 135 d.c.* Tomo I: p. 462-510; tomo II: p. 163-167. Madrid: Cristiandad 1985; Para uma visão sucinta de Cesareia ao longo dos tempos cf. O'CONNOR, J. Murphy - *The Holy Land*. 3ª ed. New York; Oxford: University Press, 1992, p. 213-223.

³Cf. RABAN, Avner [et al.] - *The Harbours of Caesarea Maritima: Results of Caesarea Ancient Harbour Excavation Project, 1980-1985*. Vol. 1 - *The Site and the Excavations*. Edited by John Peter Oleson, BAR International Series 491, Oxford, 1989.

que razão S. Lucas não narrou pura e simplesmente o processo por que Paulo passou? Qual a intenção do seu adiamento por dois anos?

Para ensaiar estas respostas restam-nos apenas como fontes os quase inexistentes dados arqueológicos da presença cristã apostólica ⁴, os testemunhos bíblicos, e as descrições deixadas por Flávio Josefo nas suas obras *Antiquitates* e *Bellum Judaicum* ⁵.

1. A Cesareia Marítima neo-testamentária

Não existem positivamente dúvidas quanto à sua localização, ao contrário das que persistem sobre muita da tipografia bíblica do Antigo ou do Novo Testamento ⁶. Cesareia Marítima (também conhecida por *Καισαρεία της Παλαιστίνης*) espraia-se na planície de Sharon a trinta e oito quilómetros da extremidade do Carmelo e a cerca de cinquenta quilómetros ao norte de Jafa no território da então dita *Στρατωνος Πυργος* (Torre de Estratão) ⁷. Com efeito, terá sido Estratão, um rei de Sídon, que esteve na sua origem no séc. IV a.C. Construiu uma torre para a fortificar, mas de nada valeu quando Alexandre Janaeus ⁸ a tomou cerca do ano 100 a.C. a fim de expandir o domínio da dinastia dos hasmoneus

Após os trágicos acontecimentos da Páscoa para os discípulos do nazareno, o grupo dos que o seguiram, rejeitados pelos líderes de Jerusalém mas impelidos pelo Espírito do Pentecostes, começaram lentamente a abandonar a cidade santa, ainda que com bastante receio. Dirigiram-se para as cidades costeiras da Samaria (Act 8, 4-5.14) desde Gaza e Azoto até Cesareia (8, 26-40). O caminho cristão espalhou-se em seguida para Lida, Jafa (9, 32.36) e para Damasco (9, 2). Neste contexto de expansão missionária aparece Cesareia Marítima como ponto de passagem (e de ultra-

passagem) nesse percurso evangelizador e de crescimento do número dos que seguiam a *Via* traçada pelo seu kurioj (Senhor). Ainda que passe praticamente despercebida e sem alguma influência ao longo dos evangelhos, assume algum destaque nos *actos dos apóstolos* de Jesus após a Ascensão, ao ser referida quinze vezes.

Depois de ter sido libertada por Pompeu ⁹, Marco António deu a cidade de Cesareia Marítima a Cleópatra, a qual, por sua vez, a perdeu para um outro César - Octávio Augusto - quando este a derrotou juntamente com Marco António em 31 a.C. na batalha de Actium. Herodes o Grande (37-4 a.C.) recebeu-a do imperador César Augusto ¹⁰. Começou logo de seguida por construí-la e por enriquecê-la a partir da torre de Estratão com um templo dedicado a César ¹¹, um palácio e um teatro ¹². Como forma de agradecimento nomeou-a *Καισαρεία* ¹³ em honra do seu amigo imperador César Augusto. Cesareia tornar-se-ia então conhecida pelo seu magnífico porto, que ele terminou cerca do ano 10 a.C. ¹⁴. Após a morte de Herodes o Grande a cidade continuou em expansão durante o reinado de Arquelau, seu filho ¹⁵. Mas devido à sua incompetência foi destituído e enviado para o exílio na Gália. A Judeia passou então a ser controlada por *Praefectus* nomeados por Roma, e, finalmente, por vários *Procurator Romanus*, entre os quais se contava um com o nome de *Pontius Pilatus* (26-36 AD)! ¹⁶ Permaneceu desta forma independente da província da Síria, sob jurisdição directa dos procuradores romanos ¹⁷.

⁹ Cf. *Antiquitates*, XIV, 4, 4

¹⁰ Cf. *Antiquitates*, XV, 7, 3; *Bellum Judaicum*, I, 20, 3

¹¹ Cf. *Bellum Judaicum*, I, 414.

¹² Cf. Mt 16, 13; Mc 8, 27; Act 8, 40; 9, 30; 10, 1.24; 11, 11; 12, 19; 18, 22; 21, 8.16; 23, 23.33; 25, 1.4; 25, 6.13.

¹³ Cf. *Bellum Judaicum*, I, 21, 5-6. Hoje o porto está totalmente submerso. Herodes mandou vir *pozzolana*, uma cinza vulcânica do centro de Itália para robustecer a sua construção.

¹⁴ Cf. *Antiquitates*, XVII, 11, 4; *Bellum Judaicum*, II, 6, 3.

¹⁵ Foi em Cesareia em 1961, no teatro, que se encontrou (tanto quanto nos é dado até agora conhecer) aquela que é a única inscrição epigráfica até agora conhecida que testemunha a presença deste procurador romano à frente da governação do território romano da província da Judeia. A lápide foi descoberta pelo Prof. Antonio Frova: cf. FROVA, Antonio - L'iscrizione di Ponzio Pilato a Cesareia. *Rendiconti dell'Istituto Lombardo, Accademia delle Scienze e Lettere. Classe di Lettere* 95 (1961) p. 419-434; cf. LEMONON, Jean-Pierre - L'inscription de Pilate. *Le Monde de la Bible* 56 (1988) p. 33; VARDAMAN, J. - A new inscription which mentions Pilate as 'Prefect'. *JBL* 81 (1962) p. 70. Esta inscrição está em latim, a língua oficial imperial, e nas suas três linhas pode-se ler e reconstituir: «Tiberium....(Pont)ius Pilatus....(Prae)fectus Iuda(i)c(ae). O termo *Procurator* só foi aplicado ao governador romano depois do tempo do imperador Cláudio e é possível que Tácito ao utilizar este título quer para Félix (cf. *Annales*, XII, 54, 4) quer para Pilatos cerca do ano 115 (cf. *Annales*, XV, 44, 4) tenha incorrido num anacronismo. O N. T. utiliza para Pilatos, Félix e Festus o termo grego

⁴ Cf. HOLUM, K. G. - *Caesarea*. In *THE OXFORD ENCYCLOPEDIA of Archaeology in the Near East I*. New York; Oxford, University Press, 1997, p. 399-404.

⁵ A História Eclesiástica que Eusébio de Cesareia aí escreveu ou os trabalhos de Orígenes podem-se considerar para este período fontes secundárias.

⁶ Entre essas destacamos a título de exemplo apenas as incertezas causadas pela localização do Palácio de Herodes em Jerusalém e as respectivas dificuldades que trazem à reconstituição do percurso da paixão de Jesus. No que toca ao A.T. sugerimos apenas a discussão à volta das discrepâncias entre Jos 6 e os vestígios arqueológicos de Jericó, ou a indeterminação na definição da cananaica Eglon de Jos 10, 3.34-35 (Tel El-Hesi, ou Lachish = Tel-El Duweir?).

⁷ Cf. LEVINE, Lee - A propos de la fondation de la Tour de Straton. *RB* 80 (1973) p. 73-81; BRIAND, J. - Césarée-sur-mer: heurs et malheurs d'une ville. *Le Monde de la Bible* 56 (1988) 5.

⁸ Cf. *Antiquitates*, XV, 4.

A Cesareia Marítima do N. T. e em que Pilatos viveu era uma cidade romanizada, uma urbe onde se falava o latim e o grego¹⁸. Como centro administrativo do território que era nela se encontravam a elite do tempo, o procurador romano e o seu palácio¹⁹. Habitar numa cidade assim frequentada e com esta importância era sinal de estatuto social. Também significava viver num meio secularizado, afastado do ambiente da cidade santa - Jerusalém²⁰ - esse sim o centro religioso da província da Palestina. Cesareia, podemos afirmá-lo sem grandes receios, era um centro pagão, ou pelo menos paganizado²¹. Como prova disto mesmo está a descoberta das estátuas da deusa grega Tuxh²² (deusa da fortuna). Este e outros achados ajudam-nos a compreender como nos reinados de Nero e de Vespasiano (54-79) os habitantes não judeus de Cesareia tinham esta deusa por benfeitora e divindade, aliás, cópia na sua concepção e representação de outros deuses romanos ou orientais com as mesmas funções tranquilizantes²³. Nesta capital da província procuratoriana as relações entre judeus e pagãos não eram fáceis, com cada um dos grupos a disputar a primazia e as influências. Pensa-se até que numa destas escaramuças em 66 as sinagogas e o Templo foram profanados por Caio Céstio, o que terá acicatado os ânimos e estado na origem da primeira revolta judaica de 66-70, reprimida por

ἡγεμῶν, que possibilita várias traduções: governador, procurador, chefe, príncipe: cf. *Antiquitates*, XVIII, 1, 4-5; LIEBENAM, W. - *Beiträge zum Verwaltungsgeschichte des römischen Reiches* I, 1886, 1 ss. Este título é o mais frequente no N. T.: Mt 27, 2.11.14.15.21.27; 28, 14; Lc 3, 1; 20, 20; Act. 23, 24.26.33; 24, 1.10; 26, 30. Concorre com outros títulos que foram posteriormente utilizados para designar a função de *Procurator Romanus*: επιτροπος (*Bellum Judaicum* II, 8, 1), ηγεσομενος (*Antiquitates*, XVIII, 1, 1), προστησομενος (*Antiquitates*, XX, 7, 1) e επιμηλητης (*Antiquitates*, XVIII, 4, 2).

¹⁷ Cf. FITZMAYER, Joseph - *The semitic background of the New Testament*. Michigan: Eerdmans, 1997, p. 322-323.

¹⁸ Cf. *Bellum Judaicum*, III, 9, 1; *Antiquitates*, I, 5, 1; 6, 1: a própria língua hebraica importou vários neologismos: cf. SPERBER, D. - *A Dictionary of Greek and Latin Legal Terms in Rabbinic Literature*. Bar Ilan, 1984.

¹⁹ Cf. FRITSCH, Charles T., (ed.) - *Studies in the history of Caesarea Maritima. BASOR Supplement Series* 19, Missoula 1975; LEVINE, L. - *Caesarea under roman rule*. Leiden, 1975; LIFSCHITZ, B. - *Cesarée de Palestine, son histoire et ses institutions. ANRW II/8* (1977) 490-518.

²⁰ Cf. MEYERS, E. M.; STRANGE, J. E. - *Les rabbins et les premiers chrétiens. Archéologie et histoire*. Paris: Cerf 1984, p. 116.

²¹ Cf. HOLUM, K. C. [et al.] - *King Herod's Dream. Caesarea on the Sea*. New York, 1988, p. 142-154.

²² *Antiquitates*, IX, 14, 3; Lc 10, 31D; WENNING, Robert - *Die Stadtgöttin von Caesarea. Boreas* 9 (1986) p. 113-129.

²³ Cf. HOLUM, K. C.; BULL, R. J. - *Césarée Maritime La cité du roi Hérode. Le Monde de La Bible* 56 (1988) p. 17; «L'enthousiasme des habitants de Césarée pour Rome est attesté, paradoxalement, et d'une manière encore plus convaincante, par le culte qu'ils rendaient à un dieu oriental, le dieu perse Mithra»: *ibidem*, p. 18; cf. WIEMKEN, R. C.; HOLUM, K. G. - *The joint expedition to Caesarea Maritima: Eight Season. 1979. BASOR* 244 (1981) p. 27-52.

Vespasiano. Já antes, cerca do ano 40 se tinham registado vários tumultos, mas nessa altura o governador sírio Públio Petrónio conseguiu mediar e pacificar o conflito²⁴. Em virtude destas rivalidades e nacionalismos os romanos tinham igualmente em Cesareia um exército estacionado, o qual auxiliava o outro agrupamento militar estacionado na fortaleza Antónia em Jerusalém (cf. Mc 15, 16)²⁵. Era uma espécie de corpo de intervenção para a altura mais problemática das festas grandes da Pesah, das Shavuhot, ou da das Sucot, dias em que o número e a afluência de peregrinos ajudava a evocar aos descendentes de Abraão o desejo de independência relativamente a Roma, a nostalgia de um templo e glória perdidos. Por altura destas festas grandes o procurador romano deslocava-se de Cesareia a Jerusalém para vigiar de perto a situação, e foi durante uma destas festas grandes que Pilatos presidiu ao julgamento de um certo Jesus de Nazaré²⁶.....

Em suma, esta é a Cesareia de Pilatos²⁷, a Cesareia da gentildade²⁸, aquela que Paulo, Pedro e o Evangelho vão encontrar, o centro político e administrativo do território, uma verdadeira cidade do mundo romano com aquedutos, palácios, um porto, um hipódromo²⁹, um anfiteatro³⁰, banhos³¹, e os inevitáveis templos aos deuses Júpter e Mitra (deus solar e da bravura)³¹. Cesareia era uma cidade virada para o mar, e por isso aberta, cujos horizontes mediterrânicos expansivos não eram bem vistos pela sua população de origem judaica mais observante e desde sempre segundo a tradição hebraica adversa ao mar. Cesareia queria rivalizar (mas também se assemelhava) com a fama, o ambiente e a grandiosidade de Alexandria e Tiro³². Herodes construiu a cidade com base numa diplomacia as-

²⁴ Cf. Filon, *Ad legationem*, 32; RAMÓN AYASO, J. - *Judaea Capta La Palestina romana entre las guerras judías (70-132 d.c.) Biblioteca Midrásica* 10, Verbo Divino 1990, p. 172-175.

²⁵ Cf. *Antiquitates*, XX, 5, 3; GONZALEZ ECHEGARAY, J. - *La guarnición romana de Judea en tiempos del Nuevo Testamento. Estudios Biblicos* 36 (1977) p. 69; SPEIDEL, M. P. - *The Roman Army in Judaea under the Procurators. The Italian and the Augustan Cohort in the Acts of the Apostles. Ancient Society* 13/14 (1982-3) 233.

²⁶ Jo 18, 29; Mt 27, 11-26; Lc 23, 1-6.13-25; Mc 15, 1ss.

²⁷ Cf. *Bellum Judaicum* II, 9, 2.

²⁸ Cf. *Bellum Judaicum* III, 9, 1.

²⁹ Cf. HUMPHREYS, J. M. - *A Summary of 1974 Excavations in the Caesarea Hippodrome. BASOR* 218 (1975) p. 1-24.

³⁰ Cf. *Bellum Judaicum*, I, 21.

³¹ Cf. HOPPE, L. M. - *The Caesarea Mithraeum: a preliminary Announcement. BA* 38 (1975) 2-10; BULL, Robert J. - *The Mithraeum of Caesarea Maritima. Textes et Mémoire* 4 (1978) p. 75-89.

³² Cf. *Antiquitates*, XII, 2, 12; BORGES, Peder - *Early Christianity and hellenistic Judaism*. Edinburgh: T&T Clark, 1996, p. 92-93.

tuciosa de equilíbrios constantes entre Roma e Jerusalém. Herodes mostrou-se um grande impulsionador do culto imperial fora do seu território e da Síria, e não conseguiu esconder as suas simpatias cesarianas nem deixou de beneficiar o comportamento abertamente pró-romano dos seus súbditos gregos (ou helenizados), quer de Cesareia quer do resto da Palestina. Foi tão hábil construtor quanto político, estadista. Favoreceu a reconstrução do Templo, mas adulou aquele(s) que lhe permitiram progredir na carreira política. Herodes em Cesareia era o lugar tenente dos senhores da Palestina. Criou-a, expandiu-a e adornou-a à semelhança das cidades helenistas e romanas³³. As obras espectaculares no Templo em Jerusalém eram apenas uma despesa muito bem pensada e compensadora.

2. A conversão de Cornélio como ponto de viragem

O primeiro anúncio do Evangelho em Cesareia foi levado a cabo por Filipe (Act 8, 40). Mas o grande acontecimento que transformou Cesareia num lugar chave na compreensão do N. T. e do progresso da própria revelação foi, indubitavelmente, a conversão do centurião romano Cornélio. A este evento, e dada a sua importância, o livro dos Actos dos Apóstolos dedicam todo o cap.10 e metade do seguinte (11, 1-18).

Em Cesareia Pedro compreendeu, porque lhe foi dado compreender, o sentido e o significado do sonho que tinha tido em Jafa (Act 10, 9-16). Pedro não merece qualquer crédito pelo facto de ter ido ao encontro de Cornélio. Esta moção não foi virtude sua mas moção do Espírito de Deus na força do Pentecostes. Foi a própria decisão de Deus que possibilitou a escuta da Palavra por parte de Cornélio e também revelada no seu sentido a Pedro. O Espírito revelou a Pedro que aquilo que lhe parecia impuro (v. 14) o acontecimento redentor pascal tinha tornado puro (v. 15), ou seja, os gentios eram tão dignos e aptos a receber o Evangelho e a serem salvos por um acto livre de reconhecimento quanto os judeus, quanto ele mesmo (v. 28). Os alimentos funcionaram assim como analogia, metáfora evocadora de uma realidade outra maior. Tal como toda a comida é pura também todo o homem é puro aos olhos de Deus. Por isso Pedro se reconheceu como um homem igual a Cornélio (v. 26). Todavia, o relato e a acção de Deus vão mais longe. Ainda estava Pedro a falar e o Espírito desceu sobre Cornélio e a sua casa: «Pedro não podia interpretar esta vinda do Espírito a não ser como um sinal divino de que Cornélio devia ser bap-

³³ Cf. RAMÓN AYASO, *Judaea Capta*, p. 171.

tizado»³⁴, e que a partir de agora judeus e gentios estavam em pé de igualdade para serem beneficiários da Revelação, da salvação. O baptismo do centurião de Cesareia tornou-se assim modelo e padrão para ser seguido.

Para a comunidade primitiva, composta essencialmente por judeus convertidos, esta abertura aos pagãos colocava questões muito delicadas relativamente à participação e comunhão à mesma mesa. O cristianismo respirava ainda e só praticamente pelo pulmão judeu. O encontro com outra cultura originou, naturalmente, um confronto de tradições, um «conflito de interpretações» (Paul Ricoeur). Mesmo supondo que Cornélio fosse um monoteísta temente de Deus (Act 10, 2), permanecia um estrangeiro aos olhos dos judeus pois era incircunciso, estranho às prescrições da antiga lei. Para os primeiros cristãos nas comunidades nascentes o dilema pessoal, a questão de fé e existencial dramática mesmo, era, portanto, saber como fazer a transição sem romper a tradição e a unidade, como abrir sem negar. Ora, a intuição fundamental foi revelada ao próprio Pedro para que entendesse o progresso na própria Revelação: «eu constato na verdade que Deus não faz acepção de pessoas, mas que em qualquer nação aquele que O teme e pratica a justiça Lhe é agradável» (Act 10, 34-35). S. Lucas retoma aqui toda a reflexão paulina da terceira parte da carta aos Romanos tanaquicamente crítica, e tal como o seu mestre rabinicamente reinterpreta através de uma gezerah shawah os textos de Os 1, 9 e Is 10, 22. Na continuidade da tradição do apóstolo dos gentios e da carta aos Hebreus o *scriba mansuetudinis Christi* apresenta como critério último a *invocação*. Por conseguinte, qualquer um, em nome da sua condição de criatura à imagem e semelhança de Deus, e por isso com uma dignidade e valor igual a toda a humanidade, é passível desse acto maior de enobrecimento do ser humano, a saber, o anúncio do evangelho e da salvação universal (católica). Depois da Páscoa não há judeu nem grego, suprimiu-se, superou-se a distinção, desatou-se a hereditariedade e nacionalidade da aliança, desgeograficalizando o Dom da salvação de Deus. Certamente Pedro fez memória dos acontecimentos de Cesareia quando em Jerusalém de novo alguns dos cristãos vindos do judaísmo ainda queriam impor a circuncisão ao grande e crescente número de convertidos (Act 15). Na realidade, «num pequeno período da história, o entendimento humano daquilo que Deus entendia necessário para a salvação sofreu uma mudança significativa; não admira que algumas pessoas fossem incapazes de agarrarem a justeza desta mudança»³⁵.

³⁴ Cf. KILGALLEN, J. - *A New Testament Guide to the Holy Land*. Chicago, 1987, p. 79.

³⁵ Cf. *Ibidem*, p. 81.

3. Paulo prisioneiro em Cesareia

S. Paulo depois da sua conversão embarcou de Cesareia para Tarso, de regresso à sua cidade natal (Act 9, 30). Este porto foi a última etapa das suas segunda (cf. 18, 22) e terceira viagem missionárias (21, 8) e o porto de despedida da terra de Jesus. Depois de chegado a Cesareia da sua terceira viagem visitou a comunidade cristã aí já existente, fruto da evangelização de Filipe «um dos sete» (21, 8). Contactou de perto com os seus novos irmãos na fé, com as filhas de Filipe (v. 9) e com Ágabo (v. 10). Destes encontros poder-se-á concluir que desde muito cedo o evangelho conseguiu penetrar no porto de Herodes, e Paulo sempre teve o cuidado de aí passar a confirmar a comunidade e a anunciar a Boa Nova em meios distintos de Jerusalém, em ambientes política e administrativamente importantes, tal como fez na grega Atenas (cf. Act 17, 15.22). Mas o sonho de Paulo continuava a ser a *'alyiah*. E é legítimo perguntar: porquê ir a Jerusalém? Qual a necessidade, a utilidade se já antes se tinha predisposto a ir até Roma (με εκει δει με και Ρωμην ιδειν : 19, 21)? O que o fazia demorar a tomar resolutamente essa decisão, se já então tinha descoberto a razão teológica (δει) dessa missão? Paulo parecia não conseguir desvincular-se de toda a tradição que recebera, que o educou. Jerusalém, a cidade da Paixão e da Páscoa, parecia continuar a fasciná-lo, a prender à terra da promessa a Israel. Não admira então que Paulo tivesse decidido contra ventos e marés subir novamente a Jerusalém porque του κυριου το θελημα γινεσθω (21, 14; cf. Lc 22, 42). Paulo tinha ainda de jogar toda a sua liberdade. Por conseguinte, neste contexto os dois anos de cativo em Cesareia, numa espécie de exílio, sugerem que surgiu o tempo e o espaço ideais de amadurecimento, de afastamento de qualquer tipo de dúvidas.

Foi com este estado de alma atormentado e indefinido que subiu a Jerusalém (21, 17), onde foi preso (21, 33)³⁶, acompanhado com alguns membros da comunidade de Cesareia (21, 16), acabando por retardar o inevitável, aquilo para que sempre fora chamado (9, 15). Enviado novamente a Cesareia para ser julgado como cidadão romano, exigiu comparecer ante o tribunal de última instância - Roma. Esta estadia foi a última vez que pisou a terra de Jesus. Não mais lá regressaria, depois de aí iniciar a sua quarta e última viagem, agora para Roma (28, 14) via Mira e Lícia (27, 5), pelas costas de Creta e de Malta. Cerca do ano 60 Portius Festus

³⁶ Cf. Act 21, 33.35; 22, 25.26; 23, 23; 27, 31.32.42; 28, 16.

substituiu Félix (24, 27) como procurador romano e encontrou Paulo entre os prisioneiros, pois Paulo reclamava que caso ficasse em Jerusalém para ser julgado seria morto pelos seus antigos irmãos (!) judeus. Parecia que os judeus em Jerusalém estavam errônea e plenamente convencidos que Paulo tinha introduzido um gentio no Templo numa área proibida para tal, intromissão esta que constituía uma gravíssima violação da santidade do Templo (21, 28-29). Todavia, torna-se muitíssimo discutível que as coisas se tenham passado mesmo assim, pois Paulo compreendeu perfeitamente que se tratava sobretudo de um pretexto, de uma invenção mesmo, para o fazerem transportar a Jerusalém para as mãos do sinédrio. Paulo começou então, ainda que dolorosamente, a sentir o isolamento, a impotência (abandono?) da sua igreja de Jerusalém para o ajudar. No entanto, isto tê-lo-á conduzido na consciencialização progressiva de que efectivamente a sua missão era *ad gentes*. A comunidade de Jerusalém não deu sinais de vida! Paulo teve de se defender sozinho, e longamente. Provavelmente já em Jerusalém se terá começado a aperceber do erro que cometeu, do que lhe custou a teimosia....

Paulo salvou-se apresentando em Cesareia uma *provocatio ad Caesarem* (25, 9-12). Todavia, em Jerusalém não conseguiu resolver sozinho a situação. Nem sequer lhe valeu apelar para o tribunal superior do governador em Cesareia. Teve de beneficiar da sorte, de várias coincidências felizes para ser trazido em segurança a julgamento, para escapar ao linchamento (23, 12, 22). Os romanos deixaram-no à mercê do sistema legal judaico, o que obrigou Paulo a fazer recurso do seu passado e conhecimentos farisaicos (23, 6). Parece, por conseguinte, à luz deste caso de Paulo, que na Judeia dos tempos apostólicos os próprios romanos estavam obrigados, vinculados a algumas das leis e costumes judaicos, fruto da condição da Província da Palestina que não estava dependente da província da Síria onde o código civil era um pouco diverso em algumas situações mais específicas como esta³⁷.

Se olharmos para os processos de Jesus e de Paulo, não obstante a comum nacionalidade, descobrimos diferenças e semelhanças na aplicação deste código civil³⁸, pois não se comportaram ambos da mesma forma, não se apresentaram com o mesmo estado de espírito. Ao nível exegético uma outra dúvida se levanta: por que razão a sentença de Paulo foi protelada

³⁷ Cf. SCHÜRER - *Historia*, p. 489.

³⁸ Cf. RIUS-CAMPS, J. - *El camino de Pablo a la Mision de los paganos Comentario lingüístico y exegético a Hch 13-28*. Madrid: Cristiandad, 1984, p. 269-273.

sob a forma de suspensão durante dois anos, como se Paulo tivesse sido obrigado a ficar em prisão cautelar durante o excessivo período de dois anos, ao passo que Jesus foi praticamente executado (sumariamente julgado) com um simplicíssimo interrogatório por parte de Pilatos? Esta é efectivamente a divergência mais relevante. Por que razão S. Lucas adia a sentença de Paulo? Teria sido muito mais simples relatar apenas o essencial. Mas da narrativa lucana descobre-se um Paulo irado, extremamente envolvido e feroz na defesa da sua própria pele, um fariseu que não desiste, intrépido e incómodo, um autêntico advogado em auto-defesa que não desiste e recorre a todas as possibilidades que a lei lhe dá. Ora, Jesus, diversamente de Paulo (Act 24, 10), não se defende (Lc 23, 3) porque ao contrário de Paulo estava já completamente liberto para ir para o Pai depois da agonia do horto das oliveiras (Lc 22, 39-54). Na realidade, e esta era razão vinculante, Paulo necessitava ainda do seu horto, não no meio das oliveiras do Getsémani em Jerusalém, mas agora no cativeiro de Cesareia, de tempo de despojamento no praetorium de Herodes para aceitar todas as consequências da sua submissão às necessidades da Igreja que o projecto de Deus tinha traçado! A agonia de Paulo apenas foi muito mais prolongada e serena, porque Deus precisava de tempo para moldar o coração deste duro rabbi. Não é de estranhar, por conseguinte, que Festo não estivesse de acordo, convencido com a inocência de Paulo (Act 25, 5). Também Pilatos não o estava plenamente a respeito de Jesus (Lc 23, 16), se não não O teria mandado castigar. Se no evangelho Lucas apresenta um Jesus totalmente inocente, no segundo tomo da sua obra (os Actos) viu-se obrigado a descrever o êxodo interior de Paulo³⁹, o seu drama, o receio da travessia do deserto do mediterrâneo até ao âmago do próprio império, a passagem total do judaísmo de Jerusalém ao paganismo adverso e opressor de Cesareia e de Roma. Quer num quer noutra sítio, Paulo acabou por perceber na prisão que somente pela via do sacrifício, pelo sofrimento agastado e martirial o evangelho desabrocharia. A analogia dos seus padecimentos nestes dois locais tão próximos do sistema e populações romanas ou romanizadas interpreta a própria existência cristã de Paulo (e a nossa). O grão de trigo tem de ser preso à terra, atirado para a prisão da terra para depois dar muito fruto (cf. Mc 4, 30; Mt 13, 31; Lc 13, 18).

Paulo permaneceu cerca de dois anos como prisioneiro (24, 27) em Cesareia no *Praetorium* de Herodes, do governador, (23, 35) antes de partir para Roma para que aí fosse submetido à apelação máxima (e de direi-

³⁹ Cf. *Ibid.*, p. 276.

to) a César (25, 12). Lucas enfatiza mesmo com uma construção perifrásica que Paulo queria e reconhecia a validade da apelação em Cesareia ao tribunal supremo do império (επι του βηματος εστως ειμι : 25, 10a). Durante este período, Paulo contactou com outras igrejas, com a comunidade cristã local, e preparou-se para a sua grande missão. Em síntese, destes dois anos de cativeiro e do baptismo do centurião romano ficam a extrema novidade da abertura do evangelho e da Igreja aos gentios e à cultura estrangeira, o sacrifício porque passou Paulo por amor ao Evangelho, mas algo mais. Na sequência do baptismo de Cornélio e da apelação de Paulo a César, Cesareia Marítima marca a história do N. T. pelo retiro, pelo martírio prisional de Paulo (cf 2 Cor 11, 23-27), pela sua luta interior, e pelo reconhecimento explícito da legítima autoridade civil, mesmo por uma certa indiferença face àqueles que detêm os cargos honoríficos. Abolir, por conseguinte, o poder do sinédrio, o exercício e a aplicação teocrática da lei. Em Cesareia Paulo reconhece a legítima e necessária obediência à autoridade civil, ao estado, uma justa separação das esferas política e religiosa. Ainda que o regime romano não se pudesse considerar democrático (pois o imperador era o governante supremo), obedecia a uma lei com base no cidadão e não no crente, herdada da matriz helénica da *cracia* do povo cuja preocupação fundamental girava à volta da determinação do melhor e mais justo εθος a orientar a πολις. Paulo mostra-se assim extremamente moderno e actual, de cujo testemunho a Igreja encontra inspiração para a delimitação da sua presença no seio da sociedade civil. Mas Cesareia marca igualmente uma etapa importantíssima na história do N. T. ao assinalar a primeira vez em que o evangelho foi anunciado e aceite por um pagão, por alguém *aparentemente* não herdeiro das promessas a Israel. Cornélio e Cesareia ajudaram a clarificar a diferença entre cristianismo e judaísmo. Questionaram a Igreja nascente não *só ad-extra* mas também *ad-intra*. Anunciar a Boa Nova num meio não judaizante significava uma realidade outra, não só o equacionamento de novas formas de como estabelecer o diálogo, mas obrigaram a repensar a própria tradição e o peso da herança do berço judaico em que a Igreja nasceu. A Paulo colocou-se o mesmo dilema que ao autor da carta aos Hebreus. Paulo acabou por se ver forçado a negar a pertença exclusiva ao judaísmo, a geografilização da promessa. Ainda que judeu de nascimento e de formação, e culturalmente cosmopolita, o caminho de Damasco transformou-o num discípulo de Jesus de coração, e ajudou-o a perceber o drama do povo a que pertenceu. Paulo foi um pouco mais longe do que Pedro que talvez ainda esperasse dos recém-chegados à fé a observância

de algumas práticas da tradição judaica ⁴⁰. Cesareia tornou-se, desta forma, uma experiência tensa e inaudita, inesperada e libertadora, berço do N. T. e dos primeiros passos da Igreja menina, mas *decisiva* ⁴¹ para o progresso da revelação enquanto tal. Provocou o redimensionamento da missão evangelizadora dos discípulos de Jesus. E, principalmente, obrigou a repensar o lugar e as tarefas, a *vocação essencial* de cada um no seio da nova comunidade dos crentes, os direitos e os deveres fundamentais de todos os fiéis ⁴². Paulo em Cesareia testemunha-nos como a capital administrativa e cultural da província romana da Judeia marcou o N. T. e a Igreja segundo uma dupla significação apostólica: o fim de um coração dividido entre dois amores (passe a expressão), e um novo modo de estar e de olhar a Igreja, a saber, e à maneira do Vaticano II, como povo de Deus e comunidade de batizados sacramentalmente presentes no meio do mundo numa missão sacerdotal e como ícones do inefável, cidadãos de duas cidades em diálogo com a cultura. Paulo não negou o berço judeu donde nasceu: «se Paulo reconhece Jerusalém e a sua Igreja porque é o lugar fundador onde se realizou o drama redentor, ele depende de Antioquia onde pela primeira vez o evangelho foi anunciado *sistematicamente* aos gregos (Act 11, 21)» ⁴³, e (acrescentamos nós) da experiência de Cesareia. Com efeito, Act 10 está logicamente antes a preparar Act 11, 19. O fantástico porto de mar do megalómano Herodes foi o trampolim para a abertura a Roma e ao mundo. Depois de Cornélio e dos dois anos de cativeiro de Paulo em Cesareia a Igreja afasta-se definitivamente do Templo, ainda que não cesse de olhar para Jerusalém e de fazer memória da cidade da Paixão e da Páscoa ⁴⁴, para o mistério do Pentecostes que a trouxe e sustêm na vida, no meio do mundo e da história dos homens.

Cesareia gozava de uma posição privilegiada. Rota, ponto de encontro, foi por isso também usada por Paulo para comunicar com as outras

⁴⁰ Pedro viu-se no meio de duas facções na reunião de Jerusalém (Act 15): ficou entre Tiago e Paulo. Assim se compreendem as suas hesitações e discussões com Paulo (cf. Act 15, 2.7).

⁴¹ SCHWANK, Benedikt - Caesarea Maritima. In *LthK*, Zweiter Band, 1994, p. 877.

⁴² «Le christianisme n'était alors qu'une secte juive et ne comportait pratiquement pas de femmes comme membres à part entière de l'Église.....plus tard, l'Église s'est modifiée, elle est devenue ce qu'elle est appelé à être: tout baptisé est pleinement chrétien, juif ou grecque, homme ou femme, maître ou esclave»: CARREZ, Maurice - Le prisonnier de Césarée fait appel à César. *Le Monde de La Bible* 56 (1988) 37.

⁴³ Cf. *Ibidem*, p. 36.

⁴⁴ Cf. *Ibidem*, p. 37.

Igrejas ⁴⁵. A conversão de Cornélio foi facilitada pelo facto de viver numa sociedade secularizada, sem o peso de nenhuma tradição que a precedesse, aberta ao mar, ao horizonte, ao mundo do império do *mare nostrum*. Consequentemente muito mais liberal, cosmopolita e universalista. A Palavra encontrou mentes e corações muito mais maleáveis e dóceis ao diálogo com o Deus de Jesus Cristo. Somente a moção do Espírito do Pentecostes poderia ter ultrapassado as barreiras separadoras que ainda subsistiam entre a vontade de abertura e os condicionalismos e o peso das tradições judaicas. Torna-se então agora possível perspectivar Cesareia como lugar hermenêutico entre a novidade e a Tradição, na reflexão contínua feita do novo, mas sempre fiel à memória do dado fundamental da fé - a Pessoa do Verbo Encarnado. Cesareia é, assim, mais do que um conjunto de vestígios do porto e do palácio de Herodes, mais do que a famosa inscrição do seu teatro onde se pode ler o nome de Pilatos. É antes de tudo um lugar de exegese, de ponte e de mediação entre Jerusalém (o centro geográfico do acontecimento redentor) e a Roma dos gentios e da missão evangelizadora da Igreja. Cornélio e Cesareia são a prova de que o Evangelho está para além da geografia e da circuncisão cultural, ainda que obviamente as pressuponha, e que se consegue adaptar ao regime democrático. Tal só acontece na liberdade do Espírito: «para o futuro da Igreja a conversão dos pagãos é de tal forma carregada de consequências que é fácil de entender porque Lucas insiste tanto na inspiração divina que conduziu ao baptismo de Cornélio; só o próprio Deus poderia fazer abrir a Igreja ao mundo.... foi Ele que moveu Pedro a seguir os enviados de Cornélio» ⁴⁶. A própria importância do episódio enquanto tal destaca-se se atentarmos que Lucas lhe dedicou mais do que um capítulo: «se lhe juntarmos o relato da vocação de Paulo apóstolo dos gentios, depois a fundação da Igreja de Antioquia que o segue e onde os gregos são evangelizados, nós damos conta de que estamos perante um dos eixos centrais da obra de Lucas: o caminho para Roma está aberto» ⁴⁷. Cesareia libertou o evangelho da geograficalização a que estava sujeito ⁴⁸, desfaraicizou a Promessa ao liber-

⁴⁵ «with its busy port and ready access to sea routes, the city offered Paul, although an unwilling guest, the ancient equivalent of air-mail communication with the Churches he had established in Asia»: cf. HOLM, K. C. [et al.] - *King Herod's Dream*, p. 158.

⁴⁶ Cf. BROSSIER, F. - Corneille, le premier païen converti. *Le Monde de La Bible* 56 (1988) p. 34.

⁴⁷ Cf. *Ibidem*, p. 35.

⁴⁸ «The Church of Caesarea was so proud of having begun with the centurion that they reli-

tar-se das amarras da lei, e marcou uma etapa fundamental na história da expansão da comunidade primitiva.

JOSÉ CARLOS CARVALHO

giously preserved the bath where he received baptism, for it was seen in 333 by pilgrims of Bordeaux (CChr 75, 13), and in 386 by St. Jerome and Paula (PL 22, 88). Therefore, against this positive fact, it was a miserable invention on the part of anonymous authors of the Pseudo-Clement (PG 1, 1446/7; 2, 460), who wished to pass off Cornelius simply as a man healed by Christ and not the first Christian to enter the Church without passing through the Law»: BAGATTI, B. - *The Church from the Gentiles in Palestine*. Jerusalem: Franciscan Press, 1971, p. 29-30; cf. ID.- *Alle Origini della Chiesa*. Vol. 2, Vaticano 1982, p. 15. Concordamos com o P. Bagatti quanto à importância de Cornélio e da sua Cesareia, bem como com a sua crítica aos detractores deste, mas torna-se excessivo o peso, o valor dado aos testemunhos antigos referidos do séc. IV.

Graça e Teologia da caridade nas relações intersubjectivas

1. A experiência de relacionamento pastoral, em que se torna necessário fazer transparecer a graça e a caridade como atitudes fundamentais do ser cristão, justifica o esforço teológico de aclarar o sentido da graça e da caridade no âmbito das relações interpessoais e intersociais.

2. As relações intersubjectivas são o lugar experiencial da graça e da caridade. Daqui surgem algumas questões a aprofundar: qual a experiência bíblica desta relação? E à luz desta, qual a experiência actual? Quais as articulações intersubjectivas necessárias para fazer acontecer hoje a graça e a caridade? É o que procuraremos estudar ao longo deste ensaio.

3. Situando-nos no tema, com fronteiras impostas de espaço e de bibliografia, utilizaremos o método da teologia sistemática, com algum recurso à teologia bíblica no sentido de iluminar aquela. O carácter genérico do tema não nos permite, como seria desejável, um aprofundamento maior dos estudos. Todavia, pensamos recolher as linhas-força e os critérios essenciais para uma abordagem correcta da temática a tratar.

Neste sentido, dividimos o nosso estudo em três partes: na primeira, procuraremos uma aproximação conceptual às realidades em questão desde a Escritura e da teologia; a segunda parte pretende apresentar o homem na sua relação com os outros e com o mundo, sublinhando a originalidade e o valor das relações intersubjectivas; estas como lugar de graça e caridade é o intento da terceira parte: apresentar-se-á aqui a experiência da graça e da caridade na vida de cada pessoa e nas relações intersociais como fé, esperança e amor e como anúncio e denúncia. Na conclusão geral, faremos uma síntese dos vários elementos estudados, deixando algumas perspectivas para estudo posterior mais aprofundado e esclarecido.